

FORMAS DE EXPRESSÃO

Terreiros

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

O que é?

Os Terreiros são Casas de Axé que celebram as religiões afro-indígenas, são heranças da população negra, que agregam variadas raças e povos, promovendo um ambiente não apenas religioso, mas de comunhão familiar e comunitária estando elas associadas a extensões quilombolas. No município de Camaragibe existem mais de 54 Terreiros, dentre o mais antigos, 1950, está o Terreiro de Candomblé Ilê Omim Asé, de Pai Cleber dos Santos Ribeiro e de Mãe Ivonete dos Santos, mais conhecida como Mãe Neta — após seu falecimento o Terreiro foi fechado. Essas Casas de Axé se dividem, em sua maioria, nos cultos do Candomblé e da Umbanda, existindo um número menor, embora crescente, de Jurema. Entretanto, existe uma fusão entre essas casas muito forte, principalmente, conciliando com a Jurema. Uma vez que, historicamente os Quilombos, abrigava a presença de indígenas e pessoas em situações contrárias ao regime colonial, tornando essa uma prática comum nos Terreiros, caso também de Camaragibe. É uma particularidade pernambucana as Casas passaram a se associar ao culto da Jurema. Pai Gilmar Camará diz só ver essa imbricação forte no Brasil entre os estados principalmente de Sergipe ao Piauí, ou seja, quase todo o Nordeste, com certa exceção apenas no Maranhão e na Bahia.

Um dos Terreiros que trazem consigo práticas e elementos da jurema é o Egbê Orisá Nagô-Vodun (Vodun, na língua Fon, é o termo para dizer Orixá, palavra da língua Iorubá), também conhecido socialmente como Terreiro dos Camarás, nome derivado do topônimo “Camaragibe”, do Camará, uma planta abundante na região, que é evocado para representar simbolicamente diversos movimentos sociais do município.



Terreiro Egbê Orisá Nagô-Vodun.
Foto: Guarã Seckler

Historicamente, a tradição do seu culto “Nagô-Vodun” vem de uma herança familiar do Benin, que habitava a antiga região do Daomé, que hoje é a República do Benin, localizada na África Ocidental. Mãe Mirtes traz um panorama cronológico e histórico da tradição Nagô-Vodum em Pernambuco:

“O ícone dessa religião chega em 1639. É a figura de Bambushé Adinimodo. Ele chega escravizado. Como ele tem um problema por causa da divindade dele, devido a seguinte mazela: Toda a tripulação do navio adoeceu durante a travessia e morreu. E ele ficou vivo e não adoeceu. O capitão do navio que estava trazendo ele adoeceu também, mas não morreu. Quando o capitão o entregou para fazer os procedimentos de venda de escravizados com a lavagem no corpo, passar o óleo... No carro do Porto Antigo, aí, o capitão morre. Levando Bambos Muê ao assombro que os portugueses temiam muito, essa coisa supersticiosa. Disseram, esse é amaldiçoado! Fazendo com que ninguém o quisesse comprar. Ele, assim, passa um período de algumas semanas perambulando já como não tinha a palavra, e esteve como um mendigo no meio da rua. Logo após, ele vai se encontrar com os judeus que faziam cultos na sinagoga, de forma escondida, imediatamente ele reconheceu a língua que eles falavam, mantendo assim um contato e uma figura de lá (...) vai e concede para ele um escape com um cavalo para ir até Sucupira [bairro do município de Jaboatão dos Guararapes/PE.]. De Sucupira ele chega em Xexéu [na Mata Sul de Pernambuco, rota de fuga dos escravizados para o Quilombo dos Palmares], estabelecendo assim a nação ritualística Nagô-Vodum”. (Mãe Mirtes Camará)

O líder da Nagô-Vodum, Bambushé Adinimodo, passando algum tempo em

DESCRIPÇÃO DE IMAGEM: Foto colorida na horizontal de um grupo de pessoas em um terreiro posicionadas formando um círculo. Na lateral esquerda, três mulheres negras de cabelos cacheados usam faixas na cabeça e roupas brancas. À frente delas, duas mulheres de costas e vestidos brancos. Mais ao fundo, quatro mulheres negras com turbantes brancos e roupas brancas com detalhes vermelhos e azuis. No centro do grupo, há um recipiente branco em formato de quartinha, em um nível elevado, forrado com lençol branco. As paredes do ambiente são brancas com quadros e enfeites pendurados.

Transmissão do Saber

O saber dentro de uma Casa de Terreiro é transmitida a partir da oralidade dos mais velhos para com os mais novos. Ela se desenha em sua rede de parentesco ou de Pais e Mães de Santo para com seus filhos, podendo esses, depois de feitos, chegar ao grau de BabalOrixás ou YalOrixás, dando prosseguimento aos seus ensinamentos em novas Casas de Axé. Pai Gilmar Camará nos informa que a transmissão do saber está inteiramente ligada à questão da vivência.

“O viver e o vivenciar, é assim que se transmite o que tem que aprender, a questão ritualística e tudo mais. É uma questão de participar.” (Gilmar Camará).

Expressões Oraís

As expressões orais associadas aos terreiros, especialmente no contexto das religiões afro-brasileiras como o Candomblé e a Umbanda, estão vinculadas à tradição dos saberes que são repassados através da oralidade. Existem cânticos, louvações e rezas que são entoados. Destacam-se os “pontos” e “orins” (em Iorubá), que são músicas sagradas que invocam Orixás, Voduns e Inquices — Divindades, Entidades Espirituais e Guias.

As saudações são expressões bem conhecidas, usadas de maneira específica para reverenciar os Orixás e outras entidades — Por exemplo, “Axé” é uma saudação que invoca a força espiritual. Já os Itãs, são narrativas mitológicas que explicam a origem dos Orixás e outros seres sagrados, preservando a cosmologia dos mitos fundadores do universo, bem como, causos que envolvem um ou mais deles.

FORMAS DE EXPRESSÃO

Terreiros

Palmares, dissemina sua religião, principalmente o culto aos Eguns (aos ancestrais). No Recife, em 1822, chega um de seus descendentes, Aduakambe:

“18 anos depois, chega o sobrinho de Aduakambe, que é chamado de Claudino Bambusà Obiúko. Daí, sim, vai se estabelecer em 1844, na Rua do Dendê no bairro da Mangabeira, Recife. Essa família, que aqui recebeu o sobrenome de Gomes de Almeida, que é Claudino Gomes de Almeida, João Gomes de Almeida, que no meio do pessoal do culto, que chamava de seita na época, dizia que era João Gogo Xará, da linhagem, vem Eustáquio Gomes de Almeida (Olúwo Beyin), que é filho de Claudino, depois vinha o filho de Eustáquio, que é Jerônimo Gomes de Almeida, na tradição é chamado de Ifã Bailá, que estabelece, propriamente dito, essa transição de nomenclaturas do culto para Nagô-Vodun Kipo Manjare (...).” (Mãe Mirtes Camará)

Yá Mirtes Camará nos conta ainda que estão vivos cinco filhos do Babá Ifã Bailá, uma delas é sua Mãe de Santo com 90 anos que se encontra no Rio Grande do Norte. Seu Irmão, Zeca, com 97 anos, reside em Jaboatão dos Guararapes e também nesse mesmo município, sua irmã, Bill, de 95 anos. Roxa, de 93 anos, está no Recôncavo Baiano, na cidade de São Félix. E Inalda, em Luziânia, Goiás.

O Terreiro Ègbè Òrisá Nagô-Vodun é uma casa de tradição de língua Iorubá, do Candomblé do culto Nagô-Vodun, em que vão das particularidades a semelhanças com outras tradições, em suas oralidades, seus cânticos, o modo de se vestir, o jeito de se dançar, da própria alimentação, celebrando suas mitologias nas ancestralidades e nos Orixás: Exu, Ogum, Oxóssi, Logum Edé, Ossain, Ewá, Obá, Oxumaré, Obaluaê, Nanã, Oxum, Yemanjá, Xangô, Iansã, Orixalá, Oduduá, Orunmila. No entanto, é a única Casa de Axé na região de Camaragibe a realizar esse culto em sua ligação mais tradicional, tendo apenas outra casa na região,

imbricando o rito Nagô-Vodun no ritual Jêje, segundo a YalOrixá da casa Mirtes Camará.

O Ilê de Pai Gilmar e Mãe Mirtes, também dialoga em três momentos ao ano, de uma forma mais reservada ao grupo, o culto da Jurema, seguindo a tradição dos Terreiros de Camaragibe. Pai Gilmar nos conta que ela se dá por uma tradição de seu avô (encantado/in memoriam), que era também adepto da Jurema e foi repassada para sua Mãe. Como eles cultuam seus ancestrais, é uma forma de rememorar e celebrar seus entes queridos dentro da relação do sagrado.

História

Compreendemos que as formações das religiões afrobrasileiras encontram-se voltadas ao continente africano, ramificada no Brasil através de povos negros que foram duramente escravizados entre a primeira metade do século XVI, perdurando entre o século XVII no ciclo açucareiro, sendo o substituto da escravização indígena, em continuidade no século XVIII, quando se inicia a era do ouro, e, por fim, o quarto ciclo no século XIX, entre o período de 1770 a 1850, até a extinção do tráfico transatlântico em 1853, e em 1888, o tráfico interno no Brasil. Segundo o sociólogo Roger Bastide (1960), as primeiras civilizações que chegaram ao Brasil foram primeiramente as civilizações sudanesas; em seguida, civilizações islamizadas representadas pelos Malês; em terceiro lugar as civilizações Bantos; e, por fim, as civilizações Bantos da Contra-Costa. Esses povos africanos que foram trazidos ao Brasil, mesmo em meio à opressão, reinventaram suas práticas socioculturais, dentre elas o pertencimento ao sagrado, possibilitando a criação de novas religiões que consideram o panteão dos Orixás (Orisá). Segundo Bastide, acerca dessas religiões e etnias:

“Civilizações totêmicas, matrilineares e outras

FORMAS DE EXPRESSÃO

Terreiros

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

patrilineares, pretos conhecendo vastos reinados, outros não tendo mais que uma organização tribal, negros islamizados e outros "animistas", africanos possuidores de sistemas religiosos politeístas e outros sobretudo adoradores de ancestrais de linhagens." (ROGER BASTIDE. 1960. p. 68).

Imersos num sistema cultural diferente de suas origens, com uma religião monoteísta cristã associada à uma elite econômica dominante, onde se mantinha uma rede de hierarquias familiares e de valores em conjunto com o catolicismo que cultuava os velhos santos de Roma na Lisboa e, por conseguinte, no Brasil, formando um ideário de uma supremacia inventada, marcada pelo extremo sadismo e práticas degradantes das quais pessoas brancas europeias ou suas descendentes de pele clara foram algozes protagonistas. Esse catolicismo se beneficiou de capitais sociais e culturais com grandes igrejas e ornamentos litúrgicos, colégios e bibliotecas, simbolizando uma relação de poder e distinção que viriam a ser testemunhas físicas do período colonial, atravessando narrativas sobre a identidade nacional, sendo recuperados como elementos materiais para o que se denominou Patrimônio cultural ainda nos anos de 1930.

Nesse interim, as populações indígenas e principalmente as negras tratavam logo de "encobrir", "alterar" ou fazer a mistura do seu pertencimento com o sagrado, como, por exemplo, nos finais de algumas missas aos domingos, quando era permitida por alguns sacerdotes a prática de suas festas, especialmente coligadas na comemoração de santos católicos. Com essa abertura de um pequeno número de sacerdotes e o fortalecimento de "nações" para o reconhecimento de suas culturas, a população negra conseguia manter algumas de suas práticas religiosas subsistentes, fortalecendo suas memórias e esperança em meio ao decrépito racismo instaurado à época, com marcas até os dias atuais. Antes dos africanos chegarem ao Brasil, os pajés dos cultos ameríndios já faziam falar aos mortos, criando assim uma aproximação

entre a pajelança, o catimbó Banto e o catolicismo europeu, sendo bastante reverenciado na tradição chamada de Jurema, que se desenvolve através da celebração aos caboclos, Reis e Mestres "cuja origem remonta aos povos indígenas nordestinos. As imagens e símbolos presentes neste complexo remetem a um lugar sagrado, descrito pelos juremeiros como um 'Reino Encantado', os 'Encantos' ou as 'Cidades da Jurema'." (SANDRO GUIMARÃES DE SALLES, 2004. p. 108). Eles também fazem uso da planta considerada sagrada, a Mimosa Tenuiflora, chamada popularmente de Jurema-preta, sendo produzida de suas raízes a bebida para ser consumida em suas sessões.

Outra religião bastante presente na comunidade negra de outrora vinda para o Brasil, foi o Candomblé. Vamos entender como se dá o processo fundamental dos primeiros povos a cultuarem essa matriz através da declaração de Bastide:

"A ideia fundamental do sistema religioso iorubá é a concepção segundo a qual todo homem descende de uma divindade (...) Todos os membros de uma família descendem da mesma divindade (...) Cada Deus tem uma função determinada que lhe é própria. Temos, por exemplo, o deus das tempestades que se preocupa em assegurar chuvas fecundas à terra. Temos o deus do ferro que fornece o metal para a forja (...) Se a chuva faltar em algum lugar, toda a população interessada invoca em comum o deus das chuvas, qualquer que seja o Orixá que cada família descende. (Frobenius Apud ROGER BASTIDE. 1960. p. 86).

Sabendo da construção primária em sentido de devoção, compreende-se que o Candomblé irá se estruturar nas regiões urbanas, tendo influências diretas das diversas culturas africanas, principalmente entre os iorubás e daomeanos (existentes entre o oeste do continente africano). As divindades eram cultuadas em seus territórios, direcionadas ao culto aos Orixás, como, culto para Xangô ou para Oxum, ou só para Omolú, assim como sacerdotes especializados para cada divindade. Na vinda ao Brasil, impedidos do culto em meio à segregação de seus pares,

Materiais

O Terreiro dos Camarás, tomado como exemplo, produz materialidade através de elementos que são confeccionados na própria casa, temos: a cura, realizada pelos banhos, os benzimentos, conselhos e os chás da "farmácia viva" que foram muito importantes no momento da Covid-19, sendo dialogado os saberes e as intervenções entre os Terreiros locais e para a comunidade. Eles se utilizaram de sua tradição acerca das ervas da "farmácia viva" antes mesmo das vacinas, para reforçar a imunidade: gengibre, limão, alho, amaranto, baba de quiabo, babosa e a raiz do açafraão, juntamente com a cura espiritual ou material, sem se esquecer dos protocolos de saúde, em que foram suspensas as rotinas religiosas, adotando o uso de máscaras e álcool em gel.

Mais uma comunhão que estava acontecendo nos Camarás era em relação ao complemento alimentar para as pessoas que fazem parte do Ilé ou que estão nos entorno do Terreiro: foram doadas cestas básicas durante a pandemia do Covid-19, estendendo ainda para outros momentos de doação com alimentos prontos e o sopão, como nas festas públicas da casa.

Conservação e Manutenção

A conservação e manutenção dos Terreiros de Camaragibe estão associadas a questões políticas, sociais e religiosas. Temos a realização da Caminhada de Oxum, que integra a maioria das Casas de Axé da cidade, a Cadeira Federativa que Pai Gilmar Camará ocupa, a participação de seus líderes no Movimento Negro Unificado local, entre outros movimentos sociais, a partir de uma rede de apoio que auxilia na manutenção por meios jurídicos, religiosos e sociais.

No tocante ao aspecto religioso em si, a conservação e manutenção se dá em comum para todas as Casas de Axé, mantendo quase que preestabelecida entre todas as funções dirigidas para cada representação dentro dela, tendo o BabalOrixá e/ou a YalOrixá, aos quais competem a maior patente dentro de uma Casa de Axé, sendo os que dominam os conhecimentos sobre a religião, assim como são responsáveis pela condução dos ritos, cuidando dos seus Filhos. As Ekedis, são figuras femininas que estão sempre aliadas aos Pais e Mães de Santo, ajudando durante todo o processo da celebração, auxiliando nos momentos de transe dos Iaôs, os Filhos de Santo, que correspondem a um Ilê, realizando suas práticas, devoção e conservação.

Por último, cabe aos Ogãs mais experientes, denominados Alabês, a função de repassar os toques e cantos aos demais tocadores.

FORMAS DE EXPRESSÃO

Terreiros

os modelos de culto foram reelaborados, considerando o pertencimento ao sagrado de cada pessoa, assim, surge o panteão dos Orixás no Brasil:

“É o resultado da reelaboração de diversas culturas africanas, produto de várias afiliações, existindo, portanto, vários candomblés (Angola, Congo, Efan, etc.) [...] provém principalmente das culturas de língua Iorubá e Fon, originárias das regiões da África, correspondente aos atuais Nigéria e Benin. Fruto da síntese decorrente do encontro entre essas etnias e o processo histórico brasileiro, o Jêje-Nagô - como é chamado o resultado desse processo de síntese - marca em seus ritos e cânticos uma memória ancestral transmitida oralmente, métodos específicos de iniciação e uma visão de mundo que permite a seus participantes um estilo de vida singular” (BARROS, 2001 pp. 91-92).

E para destrincharmos ainda mais as religiões afro-indígenas e suas imbricações, pensemos como elas atuaram e atuam em Pernambuco, sabendo que o estado foi o primeiro local a estabelecer uma economia forte para a América Portuguesa, em virtude dos povos que aqui já existiam, os ameríndios que foram logo explorados e escravizados, e concomitantemente havendo a escravização de povos retirados de África. Nesse contexto, Pernambuco detinha uma identidade indígena, africana e europeia. Apesar das imposições católicas, as religiões afro e indígenas tomaram grandes proporções em Pernambuco. Os estudos para essas categorias assim como reconhecimentos de termos, tornaram-se comuns nas pesquisas acadêmicas a partir de 1930, com o livro “Xangôs no Nordeste” de 1937, de Gonçalves Fernandes, reacendendo os cultos afro-brasileiros enquanto objetos culturais, traduzindo o que se entendia como “Xangô” ou “macumba” (sinônimo no imaginário social) às práticas do Candomblé.

De acordo com o antropólogo Roberto Mota (1991), um estudioso da área, remonta que as práticas religiosas afro-indígenas mais comuns em Pernambuco são: o Catumbó, Jurema, Umbanda, Xangô pernambucano e Xangô Umbandizado, todas imbricadas em dessemelhanças e aproximações.

Em Camaragibe, buscamos identificar os Terreiros e suas linhagens através do projeto “Mapeando o Axé”, onde pudemos constatar que em 2010 existiam 23 Casas de Candomblés; cinco (5) Casas de Jurema; sete (7) Casas de Religião Nagô e dezenove (19) de Umbanda. Ainda para compor o quadro de exemplificação, como um instrumento de apoio a pesquisa, identificaremos o Terreiro de Pai Gilmar Camará e Mãe Mirtes Camará, Ègbè Òrisá Nagô-Vodun/Terreiro dos Camarás, localizada no Quilombo Urbano dos Camarás no bairro de Vera Cruz.

Onde está?

Através do “Mapeamento do Axé”, pesquisa realizada em 2010 nos estados de Minas Gerais, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Sul, coletamos ao que se sucede no município de Camaragibe: 23 Casas de Candomblés; 5 de Jurema; 7 Casas da Religião Nagô e 19 de Umbanda.

Na Região política-administrativa I (RPA I) do município de Camaragibe, temos 33 Casas de Axé distribuídas pelos seguintes bairros: Aldeia de Baixo; Alto da boa Vista; Alto de Santo Antônio; Areeiro; Bairro Novo do Carmelo; Bairro dos Estados; Baixinha; Burrione; Carmelitas; Celeiro das Alegrias Futuras; Céu Azul; Coimbra; Japão; Santa Tereza; São Paulo; Sítio Mesquita; Timbi; Viana e Vila da Fábrica. Já na RPA II, encontramos 16 terreiros, nos seguintes bairros: Alberto Maia; Bondade de Deus; Cosme e Damião; Estação Nova; João Paulo II; Nossa Senhora do Carmo; Santa Monica; São João e São Pulo; Santana e Santa Teresinha. Na RPA III temos 08 terreiros, localizados nos bairros de: Areinha; Jardim Primavera; Lot. Nazaré; São Pedro; Vila da Inabi; e Vale das Pedreiras. A RPA IV, são 02 os terreiros e engloba os bairros de São Jorge e Tabatinga. Por fim, na RPA V, que abrange os bairros de Aldeia dos Camarás,

FORMAS DE EXPRESSÃO

Terreiros

Araça, Borrvalho, Oitenta, Plin, Rachão e Vera Cruz, encontraremos 04 terreiros.

Lembramos que há Terreiros que não foram incluídos no mapeamento, bem como nota-se dinâmicas nas quais as casas estão inseridas que podem favorecer mudanças de endereço e aberturas e fechamentos de novos e antigos espaços.

O Terreiro dos Camarás, que se encontra na RPA V, estabelece sua transferência para Camaragibe da seguinte forma: Inicialmente instalado em Nova Descoberta (bairro do Recife), no Largo de Dona Regina, o Terreiro passa a funcionar no Córrego da Fortuna, em Dois Irmãos (Recife). Em seguida, vem para Camaragibe em 1999, confirmando a revelação de uma das entidades que informava da necessidade de um espaço maior e que seria em um lugar também alto, pois, que, de Aldeia/Camaragibe detém um olhar acima de todo Recife.

Períodos importantes

1639 - A chegada do ícone Bambushê Adinimodo, da religião Nagô-Vodum chega em Recife/PE.

1822 - Chega do descendente de Bambushê Adinimodo, o Aduakambe no Recife.

1840 - Chega o sobrinho de Aduakambe, que é chamado de Claudino Bambusê Obitiko, daí sim, vai se estabelecer em 1844, na Rua do Dendê.

Distribuição dos Terreiros do município de Camaragibe

Terreiros de Candomblé
1950 - Ilê Omim Asé - Cleber dos Santos Ribeiro

1965 - Centro Espirita e Terreiro Africano Ogum Odé - Jaiton dos Santos Lima;

1965 - Ilê Axé Xangô Agodô - Itamar Francisco Carneiro

1980 - Ilê Alá Axé Obá Ayrá - Cláudio da Silva Pinho

1980 - Ilê Axé Oxum Botô - Luiz Gonzaga de Andrade

1983 - Ilê Axé Oxum Akolé - Luciano José do Nascimento

1984 - Ilê Axé Oyá Bamborê - Maria do Carmo dos Santos Alves

1984 - Ilê Axé Oyá Gigan - José Esmeraldo de Souza

1985 - Ilê Axé Oxaguian e Oyá Topé - Deyve Magno Cardoso

1987 - Abassá Xangô e Iemanjá - Paulo Marcelo da Silva

1987 - Tenda de Umbanda Caboclo Oxossi - Tereza Crisfina dos Santos Rêgo

1985 - Centro de Umbanda de Ogum Beira Mar - Sandra Lúcia do Nascimento

SEM DATA - Centro Espirita Caboclo João da Mata - Raimunda Maria dos Santos;

1992 - Centro Espirita Pomba Gira Cigana Amélia - Maria da Silva;

1992 - Ilê Axé Oxum Abotô - José Ricardo Alves;

1999 - Egbé Orixá Nagô Vodum - Gilmar César Martins do Nascimento, Gilmar Camará. A sede anterior estava situada no Córrego da Fortuna, em Dois Irmãos (Recife), mas originalmente foi fundada no bairro de Nova Descoberta (Recife), Largo

FORMAS DE EXPRESSÃO

Terreiros

de Dona Regina, Mãe de Gilmar.

Mata - Zilda Roque Souza

1999 - Ilê Axé de Xangô Ayrá - Rosemary Felinto de Andrade

1970 - Centro Espírita Rei de Yorubá - Cleide Maria da Silva

1999 - Ilê Axé Oxun Pandá - Carlos André da Paixão

1970 - Centro Espírita Santa Bárbara - Berenice Maria de Sousa

1997 - Kwê Logun Edé - Fernando José Roterdan Tinoco

1973 - Centro Espírita de Umbanda São João Batista - José Antônio Guerra

2001 - Tenda de Umbanda Cabocla Jacira - Josefa Florentina do Rego

1980 - Centro Espírita Reino de Pomba Gira Cigana - Sônia Maria de Albuquerque

2001 - Ilê Axé Oyá Balé - Edejair Soares de Santana

1981 - Centro de Umbanda Nossa Senhora do Carmo - Telma Bento de Albuquerque

2002 - Ilê Axé Obixé Opará Dein - Ricardo Martins de Santana

1985 - Centro Espírita de Umbanda Mestre José Pereira - Maria José da Conceição

2004 - Ilê Axé Oyá Egun Nelé - Marcelino Vieira de Melo.

1987 - Candomblé Santa Bárbara - Maria Alice Campos

Terreiros de Jurema

1988 - Centro Espírita José Filintra de Aguiar - Maria da Conceição de Lima

1966 - Centro Caboclo Oxóssi - Valdomiro Laurindo da Silva

1988 - Tenda Espírita de Umbanda Herdeiros de Oxalá - José Roberto Gomes da Silva

1990 - Centro Espírita Caboclo Sete Flechas - Cleyton José Floriano dos Santos

SEM DATA - Centro Espírita Cabocla Ceci - Antônio José da Silva

1995 - Centro Espírita Maria Luziara - Tereza Maria da Silva

1990 - Centro Espírita Caboclo Oxóssi - Iraci Rodrigues da Silva

2005 - Centro Espírita Ogum e Iansã - Tiago Ferreira de Lima

1990 - Tenda de Oxóssi - Marinalva Ramos de Lira

2008 - Tenda Espírita Mestre José Filintra - Moisés Barbosa.

1992 - Centro Espírita Cabocla Jaci - Aurina Helena da Silva

Terreiros de Umbanda

1994 - Terreiro de Oxum - Ana Maria dos Santos

1961 - Centro de Umbanda Indú Jundaí - Ceciliano Pereira de Souza

1995 - Centro Espírita Tenda de Omolu - Maria Cecília Januário

1970 - Centro Espírita Caboclo João da

FORMAS DE EXPRESSÃO

Cocos de Camaragibe

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO
DOS BENS CULTURAIS
DE CAMARAGIBE

2007 - Centro Espirita Cabocla Jacira -
Maria da Conceição Santos de Azevedo

2009 - Terreiro de Malunguinho - José
Antônio Alexandre

Terreiros Nagô

1961 - Centro Africano José Filintra - João
Barbosa da Silva

1975 - Centro Espirita Nossa Senhora do
Carmo - Manoel Francisco de Arruda

1983 - Terreiro Sete Encruzilhadas - Maria
Rubenita Cavalcante

1984 - Centro Espirita Nossa Senhora do
Carmo - Sandra Maria Paes da Silva

1990 - Centro Espirita Ilê Axé de Oxum
Orumilá Aganjú Omim - Givanilson Romão
da Silva

2000 - Terreiro Sem Nome - Antônio
Soares de Santana

2002 - Adê Kayodé Ogunitá - Rosiane
Maria do Nascimento

Significados

As práticas religiosas dos Terreiros concederão uma rede de significados distintos e semelhantes, a partir de suas oralidades, seus cânticos, seus toques, o modo de se vestir, suas cores, a decoração, as danças, as comidas, ou de suas nações, celebrando suas mitologias nas ancestralidades e nos Orixás. Todas essas dimensões estarão no campo do sagrado conduzindo seu rito, as mitologias da natureza, as realizações dos Orixás ou pelos Ancestrais, ditará os modos de comportamentos para celebrá-los, dos santos, que irão se alimentar pelo cheiro, os alimentos para os filhos de santo, suas saudações,

oferendas, seus banhos, chás... Tudo faz parte de uma teia de significados entre esses espaços de acolhimento de Camaragibe, em que as pessoas buscam por um bem comum. A respeito do significado do Terreiro Ègbè Òrisá Nagô-Vodun/Terreiro dos Camarás, encontra-se em uma matriz de tradição iniciada no Benin enraizada nas paisagens brasileiras por pessoas africanas. As religiões, onde muito dos conhecimentos se repassam através da oralidade, acabavam sendo transmitidas nas linhagens parentais, nos clãs, nas comunidades, nações, ou etnias. Não sendo diferente para os Camarás, que vem de uma linhagem de parentesco, existindo há mais de 100 anos, passadas dos Avós de Gilmar, para sua Mãe, chegando até ele, onde comungam Pai Gilmar e sua esposa Mãe Mirtes há 25 anos no Terreiro dos Camarás.

Uma de suas singularidades está na oferenda que só a tradição Nagô-Vodun faz e oferta, a saber, o Sàpálá de Sàngô, oferenda entregue ao Orixá no mês de junho, na Fogueira de Xangô. Mãe Mirtes Camará nos informa que sua especificidade está no preparo e nos ingredientes usados, pois esta é uma comida específica de milho e ervas, em que por motivos de tradição não podem ter revelados seu preparo com tantos detalhes.

Segundo Pai Gilmar Camará, os Terreiros no Brasil tem em comum a sacralização do bode, o que une as religiões afro-indígenas nacionalmente:

“No reflexo religioso, se chama keshuv. Sim! Porque independente da tradição, nação... Se tem algo que é comum, é que todo mundo dá o bode junto. E até um produto, que é a exposição que vai retratar essa figura que foi demonizada ao longo do tempo, mal compreendida e fortemente operada pelo racismo, porque se é através dele que as coisas acontecem, então nós vamos desfazer isso. Todas as nações, Umbanda, Jurema, seja Candomblé, Xangô

FORMAS DE EXPRESSÃO

Terreiros

Pernambucano, qualquer designação de segmento, ele vai ter um ponto comum. Exu e o bode”. (Gilmar Camará)

Pessoas envolvidas

Os Terreiros de Camaragibe encontram-se espalhados nos cultos do Candomblé, Jurema, Umbanda e Nagô. Desta forma, disponibilizamos os nomes de suas lideranças. Dos vinte e três líderes dos Terreiros de Candomblé, são: Cleber dos Santos Ribeiro; Jaiton dos Santos Lima; Itamar Francisco Carneiro; Cláudio da Silva Pinho; Luiz Gonzaga de Andrade; Luciano José do Nascimento; Maria do Carmo dos Santos Alves; José Esmeraldo de Souza; Deyve Magno Cardoso; Paulo Marcelo da Silva; Tereza Cristina dos Santos Rêgo; Sandra Lúcia do Nascimento; Raimunda Maria dos Santos; Maria da Silva; José Ricardo Alves; Gilmar César Martins do Nascimento; Rosemary Felinto de Andrade; Carlos André da Paixão; Fernando José Roterdan Tinoco; Josefa Florentina do Rego; Edejair Soares de Santana; Ricardo Martins de Santana; Marcelino Vieira de Melo. Dos cinco Terreiros de Jurema: Valdomiro Laurindo da Silva; Cleyton José Floriano dos Santos; Tereza Maria da Silva; Tiago Ferreira de Lima; Moisés Barbosa. Dos dezenove Terreiros de Umbanda: Ceciliano Pereira de Souza; Zilda Roque Souza; Cleide Maria da Silva; Berenice Maria de Sousa; José Antônio Guerra. Sônia Maria de Albuquerque; Telma Bento de Albuquerque; Maria José da Conceição; Maria Alice Campos; Maria da Conceição de Lima; José Roberto Gomes da Silva; Antônio José da Silva; Iraci Rodrigues da Silva; Marinalva Ramos de Lira; Aurina Helena da Silva; Ana Maria dos Santos; Maria Cecília Januário; Maria da Conceição Santos de Azevedo; José Antônio Alexandre.

Dos sete Terreiros Nagô: João Barbosa da Silva; Manoel Francisco de Arruda; Maria

Rubenita Cavalcante; Sandra Maria Paes da Silva; Givanilson Romão da Silva; Antônio Soares de Santana; Rosiane Maria do Nascimento.

Dentre as funções comuns dentro dos Terreiros, temos:
O BabalOrixá é o Pai de Santo, e a YalOrixá, é a Mãe de santo, que são reconhecidos como sendo figuras paternas e maternas protetoras, dotadas de conhecimento sobre a religião, da qual vão comungar como os líderes espirituais dos Terreiros de Candomblé, obtendo o título de responsáveis pelo comando dos rituais, pela orientação dos Filhos de Santo e pela manutenção do gerenciamento na Casa de Santo; As Ekedes são figuras femininas “zeladoras dos Orixás” possuidoras de uma grande importância dentro de uma Casa de Axé, consideradas “o braço direito” dos Pais e Mães de santo, pois, elas cuidam da condução dos Orixás em terra, por conseguinte, dos iaôs quando estão em transe ou se iniciando como Filhos de Santo, e todo processo de recolhimento e dias de reclusão. Zelam e cuidam dos objetos sagrados e assentamentos dos Orixás; preparam oferendas e organizam rituais;

O alabê se configura entre o tocador mais velho e chefe dos atabaques ou ilus, ele é o ogã principal, onde repassa seus ensinamentos para os ogãs mais novos. Para o cargo de Ogã é necessário ser iniciado no Santo. Os ogãs também tocam todos os instrumentos percussivos componentes em um Terreiro, mas o nome ogã ficou muito reconhecido em Pernambuco para os tocadores de Ilu; Os iaôs são os filhos de santo, que possuem a seriedade de manter a tradição e seus ensinamentos religiosos.

Para o Terreiro dos Camarás que se encontra no Quilombo dos Camarás, onde existe uma linhagem consanguínea

FORMAS DE EXPRESSÃO

Cocos de Camaragibe

em torno de 18 pessoas, e uma demanda de 60 pessoas envolvidas como Filhos de Santo. Pai Gilmar e Mãe Mirtes, estão também envolvidos com os movimentos sociais da cidade: a Caminhada de Oxum de Camaragibe, que agrega os Terreiros da região; o Movimento dos Povos Tradicionais da Cidade; o Movimento Negro Unificado de Camaragibe; o Movimento dos Potes; o Grito Ecológico; e a Coalizão Negra, que é um conjunto de instituições e entidades de abrangência nacional que organiza e resgata as bases no MTPC, e recebe a demanda que o MST (Movimento Sem Terra), entre outros movimentos, que trazem junto a um complemento alimentar, para servir um sopão para 200 pessoas da comunidade.

Objetos Importantes

Ao visitar o Terreiro dos Camarás, constatamos que tudo que existe no Terreiro é simbólico, desde sua entrada, onde se avista o muro com o nome “Terreiro Ègbè Orisá Nagô-Vodun” e as ornamentações em ferro em cima do portão. Passando da entrada, a configuração do espaço encontra-se uma casa à frente, ladeada pelo jardim, entre outras duas casas coladas ao barracão que fica ao fundo, onde se encontra o Ilê que também funciona como moradia. Na parte de trás do barracão, fica a casa do chamado Ojubô Igbalé, que é a Casa dos Mortos, com seu assentamento individualizando e identificando o Egun (ancestral da casa) ali cultuado.

Ainda à frente do Terreiro, existe também o jardim de ervas para colheita dos seus banhos e chás, chamada de “Farmácia viva”. Alguns outros elementos no jardim são os Chifres de Búfalo e o Irukere, que representam a Orixá Oyá, o Tótem de Xangô (Um pilão que representa a figura de Xangô), as árvores são ornamentadas

com laços de pano com prevalência na cor azul claro chamadas de Franja de Mariwô, associado ao Orixá Ogum. Essas franjas podem ser também de folhas de dendezeiro postas no teto ou como cortinas nos Ilés, para trazer prosperidade e afastar o mau-olhado.

Os demais elementos a serem descritos na configuração do espaço são os Tronos dos Orixás, sendo os Assentamentos dos Patronos: Oxum, Xangô, Iemanjá, Oxalá e Oyá, a Casa de Ogum, por exemplo, é chamada a casa dos caçadores; Na Casa dos Voduns, que é onde fica Lebará, Omolú, Nanã, Dan (que é conhecido também por Oxumaré) e An, (conhecido como Ossain). Esses assentamentos fazem parte de uma tradição litúrgica, localizando seus objetos e símbolos sagrados que representam os Orixás no espaço físico e espiritual. Estes Igbás (assentamentos) vão simbolizar e localizar cada Orixá, assim como fazem os católicos ao ver uma imagem dos santos. Todavia, os Igbás são locais restritos ao sagrado, compostos de tigelas, sopeiras, pratos, bacias e alguidares.

Os outros objetos importantes para a realização do sagrado dos Camarás estão compostos por instrumentos musicais, sintonizado com os três tipos de ilus o Yam (o maior), Omelê (o do meio) e o Omelê Onko (o pequeno) eles vão tocar notas diferentes, terão ornamentação e cores diversas, por vezes são ornamentados com laços para decorá-los. Seguido deles, tem o Gã, instrumento de ferro de uma boca só, e tem os abês/agbês que é um instrumento feito com cabaça trançada de miçangas com diferentes cores, às vezes deixando-os na cor do Orixá regente da casa, entrelaçados com cordão/ponteira.

FORMAS DE EXPRESSÃO

Terreiros

Avaliação

O reconhecimento dos Terreiros enquanto Quilombos Urbanos veem refletindo um senso de identidade e práticas políticas humanitárias para toda comunidade de Terreiros e vizinhas. Fortalecendo suas tradições e realizações, com isso, trabalham a comunicação e divulgação, estabelecendo um elo de conhecimento e saberes.

Percebemos a necessidade de uma atualização do mapeamento dos Terreiros de Camaragibe, de políticas públicas voltadas aos Terreiros e pessoas de Santo, para legitimar suas práticas, manutenção e conservação.

O Terreiro dos Camarás é prova viva de representação, estando conjuntamente ligado aos movimentos sociais de Camaragibe, intervindo juridicamente para a construção da manutenção e conservação das práticas da cultura negra, estabelecendo-se enquanto um Quilombo Urbano que realiza desde a consulta religiosa, o manuseio de ervas medicinais, até doação de alimentos e cestas básicas.

A primeira recomendação de Pai Gilmar Camará é em relação ao combate à demonização das religiões afro-brasileiras, Sendo esse um dos grandes problemas para a comunidade. A outra diz respeito à legislação, na qual a sociedade civil passou por uma instauração da lei estadual sobre a perturbação do sossego “Lei N° 12.789, de 28 de abril de 2005. Dispõe sobre ruídos urbanos, poluição sonora e proteção do bem-estar e do sossego público e dá outras providências”. Entretanto, a lei só abrange a favor em suas cláusulas as religiões cristãs. Com isso, os Terreiros alteraram algumas de suas práticas. No caso do Terreiro dos Camarás havia a tradição de celebrar aos domingos, até o amanhecer, uma festa para o Orixá Oxalá, que simboliza

o encontro do final da noite com o raiar do dia, sendo ela modificada, e adaptada tanto em função da lei, como com a questão do cotidiano. O que Pai Gilmar chama a atenção é pelo motivo de algumas autoridades, ainda assim, tentarem intervir em alguns cultos afro-religiosos, sob o pretexto do cumprimento da lei, para, na verdade, praticar racismo religioso, pois pedem para as Casas de Axé instalarem isolamento acústico o que não acontece junto às igrejas, onde acabam por proferir seu rito com excesso de barulho. Dessa forma, percebemos que o racismo operado junto a religiões de matriz afro-indígena encontra-se em esferas estruturais, sem respeitar as variadas tradições religiosas.

Recomendações

- Ampliar as políticas públicas de acesso aos Editais Públicos, considerando as especificidades da população negra, quilombola e de Terreiro;
- Reconhecimento dos territórios pertencentes às comunidades tradicionais em Camaragibe;
- Criar legislação para tombamento e registro em âmbito municipal, considerando os Terreiros como parte indissociável do enredo cultural da cidade e, assim, promover o reconhecimento oficial como patrimônio cultural, tanto material (no caso da arquitetura e dos elementos físicos) quanto imaterial (relacionado às práticas religiosas e culturais);
- Criar incentivos financeiros, programas de preservação e promoção da cultura afro-brasileira no município de Camaragibe;
- Investir em programas de educação que visem à valorização das tradições

FORMAS DE EXPRESSÃO

Cocos de Camaragibe

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

- Ampliar as políticas públicas de acesso aos Editais Públicos, considerando as especificidades da população negra, quilombola e de Terreiro;
- Reconhecimento dos territórios pertencentes às comunidades tradicionais em Camaragibe;
- Criar legislação para tombamento e registro em âmbito municipal, considerando os Terreiros como parte indissociável do enredo cultural da cidade e, assim, promover o reconhecimento oficial como patrimônio cultural, tanto material (no caso da arquitetura e dos elementos físicos) quanto imaterial (relacionado às práticas religiosas e culturais);
- Criar incentivos financeiros, programas de preservação e promoção da cultura afro-brasileira no município de Camaragibe;
- Investir em programas de educação que visem à valorização das tradições religiosas afro-brasileiras e a importância dos terreiros para a história do Brasil,

Fontes Consultadas

BASTIDE, Roger. As religiões Africanas no Brasil. 1960.

GAMA, Luciana Barros. Laroyê! Exu: Os caminhos que levam ao mercado: Consumo religioso afro-brasileiro no Recife – PE. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Recife, 2016.

MARTINS, Leda Maria. Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário no Jatobá / Leda Maria Martins. – 2 ed. – São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte [MG]: Mazza Edições, 2021.

COSTA NETO, Antonio Gomes da. Candomblés de Brasília: contribuição aos estudos dos rituais afro-brasileiros em Brasília. Artigo disponível em: <http://www.palmares.gov.br>, acesso em 02-6-2024. [s.d].

COSTA NETO, Antonio Gomes da. A Linguagem no Candomblé: um estudo lingüístico sobre as comunidades religiosas afro-brasileiras. Artigo disponível em: <http://www.palmares.gov.br>, acesso em 06-6-2024. [s.d]

RIBEIRO, René. Religião e Relações Raciais. 1956.

SALLES, Sandro Guimarães de. À sombra da jurema encantada: mestres juremeiros na umbanda de Alhandra. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

SOUZA, Fernanda Meira de. Afirmação da identidade religiosa e constituição do sujeito político das mulheres de Terreiro de Pernambuco. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Recife, 2014.

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

Sobre a pesquisa

Este material, integrante da segunda fase da pesquisa do Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe, foi desenvolvido no âmbito do projeto Patrimônio Camaragibe (n° 10858-152872), realizado com o incentivo do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura – Funcultura, Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE, Secretaria de Cultura do Governo de Pernambuco.

Os resultados da pesquisa estão disponíveis gratuitamente no website do projeto, acessando o endereço ou o Código QR abaixo.

www.patrimoniocamaragibe.com



FORMAS DE EXPRESSÃO

Terreiros

Expediente

PATRIMÔNIO CAMARAGIBE

IDEALIZAÇÃO

Cássio Raniere
Josivan Rodrigues

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Ticiano Sá

COORDENAÇÃO DA PESQUISA

Cássio Raniere

PESQUISA FOTOGRÁFICA

Josivan Rodrigues

ASSISTENTES DE PESQUISA

George Messias
Neilton Félix

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Cássio Raniere
Josivan Rodrigues
George Messias
Neilton Félix

DESIGN GRÁFICO E WEBSITE

Josivan Rodrigues

ASSESSORIA DE IMPRENSA E MÍDIAS SOCIAIS

Dupla Comunicação

ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL

Jaks Interpretações
Manuel Borges (audiodescritor)

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Anderson Santos
André Cardoso
Dona Marilene
Edmar Fernandes
Elaine de Oxum
Mãe Janaina Camará
Mãe Lúcia
Mãe Mirts Camará
Mãe Shirlayne Camará
Mãe Tita
Márcio Souza
Marcone da Laia Alagbé
Meſtra Fátima
Meſtre Aureliano (in memoriam)
Meſtre Zé Negão
Moabia dos Anjos
Pai Gilmar Camará
Pai kenyt Camará
Pai Ném (in memoriam)
Rosinalva da Silva
Severino Ramos
Tony Leal

PARCEIROS

Fundação de Cultura de Camaragibe
Secretaria de Educação de Camaragibe
Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes
de Glória de Goitá
Museu do Mamulengo de Glória de Goitá
Associação dos Mamulengueiros e Artesãos
de Glória de Goitá
Museu Comunitário de Poço Comprido
Associação dos Filhos e Amigos de Vicência
Secretaria de Educação, Cultura e Esportes
de Vicência